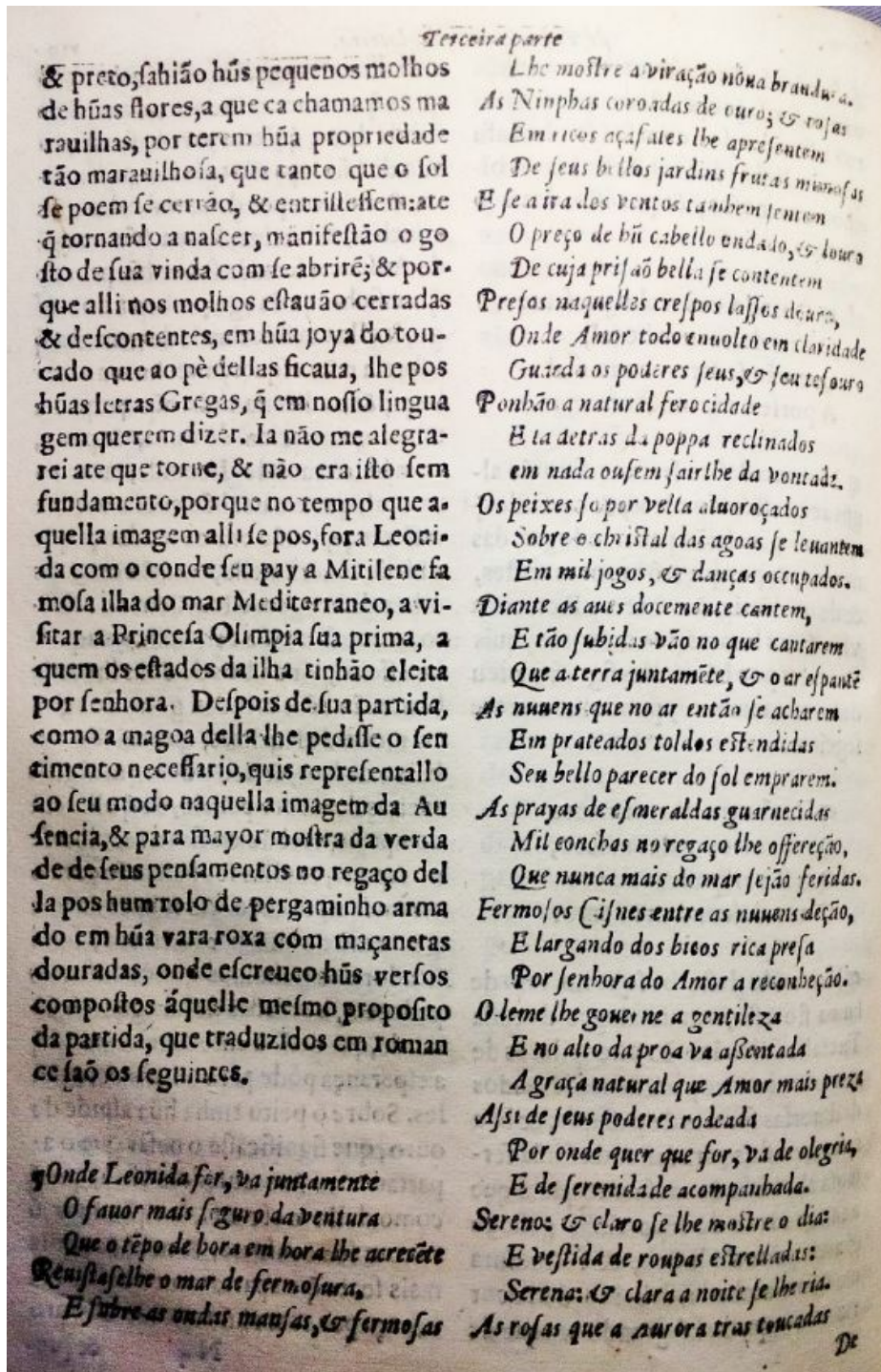




Palmeirim III (1604)- Poema

Fac-símile

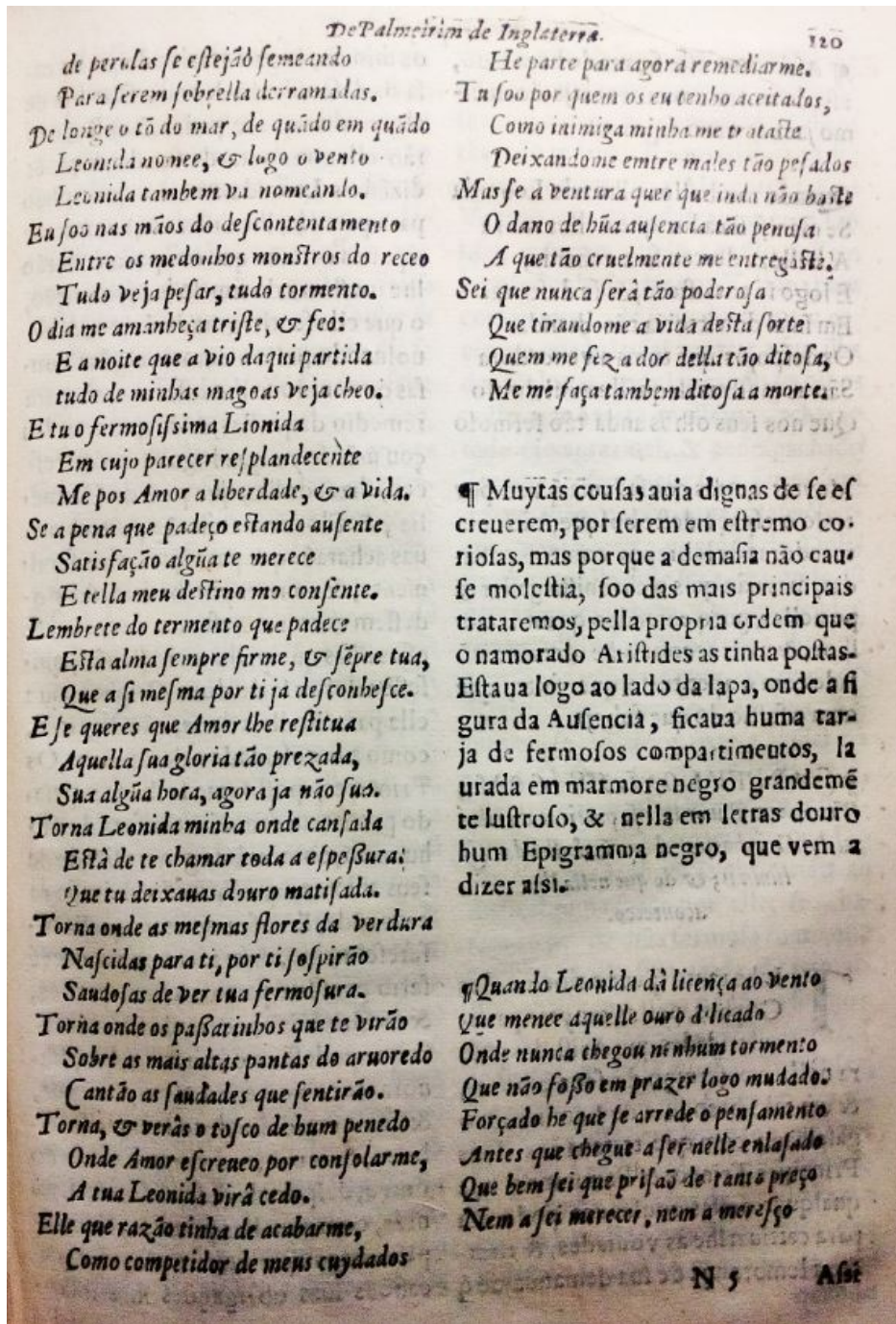
[119v/a-120r/b]





UNIVERSO DE ALMOUROL

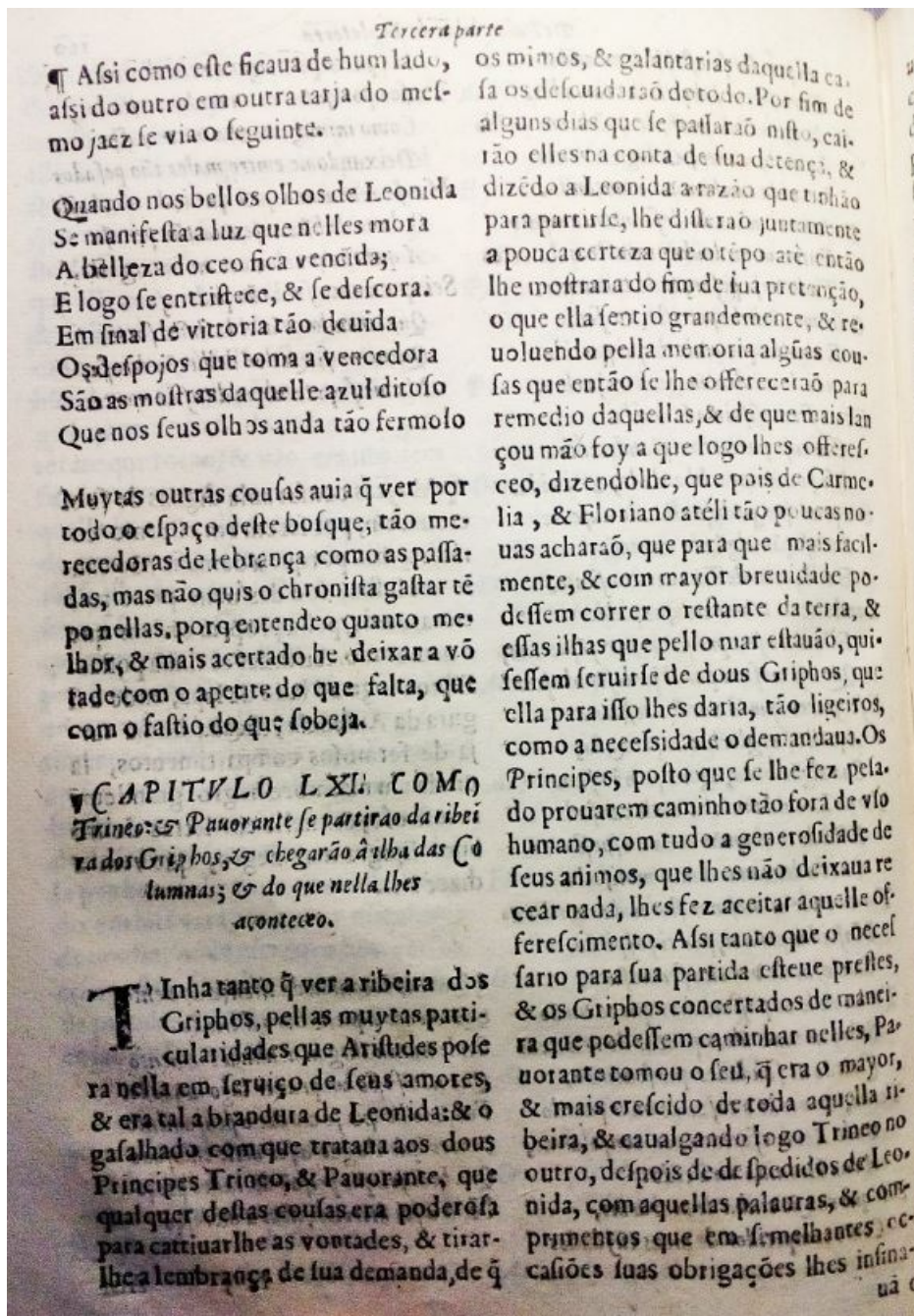
Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO





UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO



Edição paleográfica

[119v/a] Onde Leonida for, va juntamente | O fauor mais seguro da ventura | Que o tẽpo de hora em hora lhe acrecẽte | Reuista selhe o mar de fermosura | E sobre as ondas mansas, & fermosas | [119v/b] Lhe mostre a viração noua brandura | As Ninphas coroadas de ouro; & rosas | Em ricos açafates lhe apresentem | De seus bellos jardins fructas mimosas | E se a ira dos ventos tambem sentem | O preço de hũ cabello ondado, & louro | De cuja prisão bella se contentem. | Presos naquelles crespos lassos douro, | Onde Amor todo enuolto em claridade | Guarda os poderes seus, & seu tesouro | Ponhão a natural ferocidade |



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

*E la detras da poppa reclinados | em nada ousem fairlbe da vontade. | Os peixes fo por vella aluoroçados
| Sobre o christol das agoas se leuantes | Em mil jogos & danças occupados. | Diante as aues docemente
cantem, | E tão fobidas vão no que cantarem | Que a terra juntamête, & o ar espâtê | As nuuens que no
ar então se acharem | Em prateados toldos estendidas | Seu bello parecer do sol emprarem. | As prayas de
esmeraldas guarnecidas | Mil conchas no regaço lhe offereção, | Que nunca mais do mar feião feridas. |
Fermosos Cisnes entre as nuuens deção, | E largando dos bicos rica presa | Por senhora do Amor a
reconheção. | O leme lhe governe a gentileza | E no alto da proa va assentada | A graça natural que Amor
mais preza. | Afsi de seus poderes rodeada | Por onde quer que for, va de olegria, | E de serenidade
acompanhada. | Sereno & claro se lhe mostre o dia: | E vestida de roupas estrelladas, | Serena & clara a
noite se lhe ria. | As rosas que a Aurora tras toucadas | [120r/a] De perolas se esteião semeando | Para
ferem sobrella derramadas. | De lôge o tō do mar, de quãdo em quãdo | Leonida nomee, & logo o vento |
Leonida tambem va nomeando. | Eu soo nas mãos do descontentamento | Entre os medonhos monstros do
receo | Tudo veja pesar, tudo tormento. | O dia me amanbeça triste, & feo: | E a noite que a vio daqui
partida | tudo de minhas magoas veja cheo. | E tu o fermosíssima Lionida | Em cujo parecer resplandecente
| Me pos Amor a liberdade, & a vida. | Se a pena que padeço estando ausente | Satisfação algũa te merece
| E tella meu destino mo consente. | Lembrete do tormento que padece | Esta alma sempre firme, & sepre
tua, | Que a si mesma por ti ja desconhece. | E se queres que Amor lhe restitua | Aquella sua gloria tão
prezada, | Sua algũa hora, agora ja não sua. | Torna Leonida minha onde cansada | Estã de te chamar
toda a espeffura. | Que tu deixauas douro matifada. | Torna onde as mesmas flores da verdura | Nascidas
para ti, por ti sospirão | Saudosas de ver tua fermosura. | Torna onde os passarinhos que te virão | Sobre
as mais altas pontas do aruoredo | Cantão as saudades que sentirão. | Torna, & verás o toco de hum
penedo | Onde Amor escreneo por consolar-me, | A tua Leonida virã cedo. | Elle que razão tinha de
acabarme, | Como competidor de meus cuydados | [120r/b] He parte para agora remediarme. | Tu soo
por quem os eu tenbo aceitados | Como inimiga minha me trataste | Deixandome entre males tão pesados.
| Mas se a ventura quer que inda não baste | O dano de hũa ausencia tão penosa | A que tão cruelmente
me entregaste. | Sei que nunca será tão poderosa | Que tirandome a vida desta sorte | Quem me fez a dor
della tã ditosa | Me me não faça tambem ditosa a morte.*

*[120r/b] Quando Leonida dá licença ao vento | Que mence aquelle ouro delicado | Onde nunca chegou
nenhum tormento | Que não fosse em prazer logo mudado. | Forçado he que se arrede o pensamento | Antes
que chegue a ser nelle enlizado | Que bem sei que prisão de tanto preço | Nem a sei merecer, nem a mereço.*

*[120v/a] Quando nos bellos olhos de Leonida | Se manifesta a luz que nelles mora, | A
belleza do ceo fica vencida, | E logo se entristece, & se defcora. | Em final de vittoria tão
deuida | Os despojos que toma a vencedora | São as mostras, daquelle azul ditoso | Que
nos seus olhos anda tão fermoso.*

Edição crítica

*[119v/a] Onde Leonida for, vá juntamente
o favor mais seguro da ventura,
que o tempo de hora em hora lhe acrescenta,*



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

revista-se-lhe o mar de fermosura,
e sobre as ondas mansas e fermosas
[119v/b] lhe mostre a viração nova brandura;
as Ninfas coroadas de ouro e rosas
em ricos açafates lhe apresentem
de seus belos jardins frutas mimosas;
e se a ira dos ventos também sentem
o preço de um cabelo ondado e louro,
de cuja prisão bela se contentem,
presos naqueles crespos lassos d'ouro,
onde Amor, todo envolto em claridade,
guarda os poderes seus e seu tesouro,
ponham a natural ferocidade,
e lá detrás da popa reclinados
em nada ousem sair-lhe da vontade.
Os peixes só por vê-la alvoroçados
sobre o cristal das ágoas se levantem,
em mil jogos e danças ocupados,
diante as aves docemente cantem;
e tão sobidas vão no que cantarem
que a terra juntamente e o ar espantem,
as nuvens que no ar então se acharem
em prateados toldos estendidas
seu belo parecer do sol emparem;
as praias de esmeraldas guarnecidas
mil conchas no regaço lhe ofereçam,
que nunca mais do mar sejam feridas.
Fermosos Cisnes entre as nuvens deçam
e, largando dos bicos rica presa,
por senhora do Amor a reconheçam;
o leme lhe governe a gentileza
e no alto da proa vá assentada
a graça natural que Amor mais preza.
Assi de seus poderes rodeada,
por onde quer que for, vá de alegria
e de serenidade acompanhada;
sereno e claro se lhe mostre o dia,
e vestida de roupas estreladas,
serena e clara a noite se lhe ria.
As rosas, que a Aurora trás toucadas,
[120r/a] de pérolas se estejam semeando
para serem sobr'ela derramadas.
De longe o tom do mar de quando em quando
Leonida nomee, e logo o vento
Leonida também vá nomeando.
Eu só nas mãos do descontentamento,
entre os medonhos monstros do receo,



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

tudo veja pesar, tudo tormento.

O dia me amanheça triste e feo
e a noite que a vio daqui partida
tudo de minhas mágoas veja cheo.

E tu, ó fermosíssima Leonida,
em cujo parecer resplandecente
me pôs Amor a liberdade e a vida,
se a pena que padeço, estando ausente,
satisfação algũa te merece,
e tê-la meu destino mo consente,
lembre-te do tormento que padece
esta alma sempre firme, e sempre tua,
que a si mesma por ti já desconhece;
e se queres que Amor lhe restitua
aquela sua glória tão prezada,
sua algũa hora, agora já não sua,
torna, Leonida minha, onde cansada
está de te chamar toda a espessura
que tu deixavas d'ouro matisada;
torna onde as mesmas flores da verdura,
nascidas para ti, por ti sospiram,
saudosas de ver tua fermosura;
torna onde os passarinhos que te viram
sobre as mais altas pontas do arvoreda
cantam as saudades que sentiram;
torna e verás o tosco de um penedo
onde Amor escreveo por consolar-me:

«A tua Leonida virá cedo».

Ele, que razão tinha de acabar-me,
como competidor de meus cuidados
[120r/b] é parte para agora remediar-me;
tu só por quem os eu tenho aceitados
como inimiga minha me trataste,
deixando-me entre males tão pesados.
Mas se a ventura quer que inda não baste
o dano de ùa ausência tão penosa
a que tão cruelmente me entregaste,
sei que nunca será tão poderosa
que, tirando-me a vida desta sorte,
quem me fez a dor dela tão ditosa,
me não faça também ditosa a morte.

[120r/b] Quando Leonida dá licença ao vento
que menee aquele ouro delicado
onde nunca chegou nenhum tormento
que não fosse em prazer logo mudado,



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

forçado é que se arrede o pensamento
antes que chegue a ser nele enlasado,
que bem sei que prisão de tanto preço
nem a sei merecer, nem a mereço.

[120v/a] Quando nos belos olhos de Leonida
se manifesta a luz que neles mora,
a beleza do céu fica vencida,
e logo se entristece e se descora.
Em sinal de vitória tão devida
os despojos que toma a vencedora
são as mostras daquele azul ditoso
que nos seus olhos anda tão fermoso!

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “Palmeirim de Inglaterra III-IV (1604): composições poéticas”, em *O Universo de Almoúrol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.